

Nota introdutória a “O rei está nu” de L. S. Vigotski

Priscila Nascimento Marques

Não deixa de ser surpreendente o fato de Vigotski ter escrito um texto elogioso acerca da apreciação crítica de Tolstói sobre Shakespeare. O famigerado ensaio tolstoiano é repleto de afirmações severas sobre o (inexistente) mérito das realizações de Shakespeare como dramaturgo. Tolstói não somente não o considera um gênio, como afirma que ele sequer pode ser considerado um artista. Vigotski, por sua vez, escreveu em 1915 um entusiasmado ensaio sobre Hamlet, tragédia que, como se sabe, lhe causou forte impressão ao longo de toda vida¹. Não obstante, apesar de suas posições, pelo menos à primeira vista, totalmente contraditórias, em “O rei está nu”, Vigotski afirma que Tolstói descobriu Shakespeare, como Colombo descobriu a América. Tal afirmação suscita imediata curiosidade no leitor, seja ele um crítico de Shakespeare, que discorda da visão tolstoiana, ou um estudioso consciente da admiração de Vigotski pela obra shakespeariana. Vigotski elogia, acima de tudo, a percepção formal e literária de Tolstói sobre Shakespeare. Reconhece que o objetivo principal de Tolstói era a reabilitação moral do drama religioso e isso é o que explica a metáfora com Colombo e a América: assim como Colombo, Tolstói descobriu Shakespeare *por acaso*, enquanto mirava outro alvo.

Vigotski tem em alta conta o *método* empregado por Tolstói para desvelar Shakespeare, seu olhar, por assim dizer, ingênuo, desapegado da extensa tradição literária existente. O rei está nu diante dos olhos de Tolstói. Ele enxerga através das roupas pomposas, alcança o verdadeiro artista e sua obra. Tal método de desvelamento é visto por Vigotski como uma importante característica (e mérito) do pensamento tolstoiano. Ele permite o distanciamento de certa tradição que vê a arte como alegoria, como pretexto para desenvolver alguma questão filosófica, política ou psicológica. Trata-se da tradição que mata a criação, uma vez que busca um significado oculto e deixa escapar o que é particular ao objeto artístico. Sua tarefa é *interpretar* ao invés de *compreender*. De fato, se examinarmos o ensaio de Tolstói, temos de concordar com Vigotski quanto ao fato de que, embora o objetivo de Tolstói fosse discutir o futuro do drama religioso, ao analisar criticamente as tragédias shakespearianas, suas considerações são estritamente formais e literárias. Não há sequer uma frase de pregação moral. Ao contrário, o que vemos é um exame cuidadoso e atento do enredo, das personagens e da linguagem. Sua conclusão de que Shakespeare escreveu dramas artificiais deriva antes de uma avaliação literária, ou seja, da regra geral dos dramas, segundo a qual:

[...] as pessoas representadas na peça devem ser, como consequência de ações próprias aos seus caracteres, e devido ao curso natural dos eventos, colocadas em posições que exigem que elas lutem com o mundo ao redor, ao qual elas se opõem, e, nessa luta, elas devem mostrar suas qualidades herdadas.

Baseado nesta regra geral, Tolstói identifica a arbitrariedade das relações estabelecidas nas peças de Shakespeare, uma vez que elas não podem ser explicadas nem pelo caráter nem pelo curso natural dos eventos. Essa artificialidade afasta o leitor, impede que ele seja afetado

¹ “Liev Semiónovitch gostava muito da tragédia de Hamlet, e esse amor se manteve por toda sua vida. Sua biblioteca tinha um grande número de trabalhos de análise da arte de Shakespeare e também alguns escritos do próprio Shakespeare. Liev Semiónovitch colecionava cuidadosamente várias edições de Hamlet e frequentemente relia esta tragédia imortal tanto no original quanto em várias traduções. Ele sabia muitas passagens de cor.” (VIGODSKAYA; LIFANOVA. Lev Semenovich Vygotsky. *Journal of Russian and East European Psychology*. March-April, vol. 37, n. 2, 1999, p. 33).

por meio do contágio por aquilo que vê/lê. Outra falha formal que Tolstói observa em Shakespeare é a ausência de individualidade na linguagem: “Todos os seus personagens falam não de um modo particular, mas sempre com a mesma linguagem shakespeariana, pretenciosa, não natural, na qual eles não apenas não poderiam falar, mas na qual ninguém jamais falou ou fala” (TOLSTOY, p. 53). Contudo, ele reconhece a capacidade de Shakespeare de criar cenas que representam o jogo das emoções,

[...] sua intensificação e alteração, a combinação de muitos sentimentos contraditórios, expressos de modo correto e poderoso em algumas cenas de Shakespeare, e na atuação de bons atores, evoca até, mesmo que só por um momento, compaixão pelas pessoas representadas. Shakespeare, ele mesmo um ator e um homem inteligente, sabia expressar, não só pelo discurso, mas também pela exclamação, pelo gesto e pela repetição de palavras, os estados de espírito e desenvolvimentos ou mudanças de sentimentos que ocorrem nas personagens representadas. (TOLSTOY, p. 75)

Neste ponto, já próximo do final do ensaio, nenhuma palavra é dita sobre moral, não há sequer uma afirmação que possa ser considerada pregação cristã. A mira de Tolstói está apontada diretamente para a falta de habilidade de Shakespeare ao usar técnicas dramáticas para suscitar compaixão no leitor, não para o conteúdo filosófico ou religioso de suas obras².

Este breve resumo fornece elementos suficientes para acreditar que as acusações de Tolstói podem ser consideradas somente aparentemente opostas à apreciação de Vigotski. A primeira convergência que pode ser apontada refere-se à abordagem metodológica. Vigotski, com sua “crítica do leitor”, tenta desvelar a construção de Hamlet por meio de um exame atento dos procedimentos dramáticos. Em sua análise, toda tradição crítica é deixada de fora. O mesmo acontece em Tolstói: a tradição literária (os “onze mil tomos” de profundos tratados sobre Shakespeare) não é mais do que um ponto de partida e, ao fazer seu comentário sobre Rei Lear, ele já não se refere aos críticos, mas somente à tragédia. Por isso, ele foi capaz apresentar uma percepção original, uma visão pessoal: temos somente Tolstói e Lear, face a face, e isso é precisamente o que Vigotski tinha em mente com sua crítica do leitor. É possível argumentar que nenhum deles conseguiu escapar completamente ao diálogo com a tradição. Para Tolstói, ele constituiu o estímulo para a desconstrução da aura que envolvia Shakespeare; no caso de Vigotski, esse diálogo permeia todas as notas de rodapé, como se não pudesse evita-lo, mas, ao mesmo tempo, não quisesse que ele interferisse em sua análise. Assim, é possível dizer que Tolstói e Vigotski, de certa forma, percorreram o mesmo caminho: ambos abordam seu objeto diretamente, sem limitar-se pelos lugares comuns da crítica.

O que Vigotski identifica no ensaio de Tolstói como recusa a adequar-se à tradição literária que busca revelar o sentido oculto da arte, ou seja, que busca interpretá-la, também se aplica à sua própria abordagem sobre a arte em geral e à “crítica do leitor”, em particular³. Ambos seguem os passos de Shakespeare na construção do drama e os submetem a um exame

² “Pensamentos e discursos podem ser apreciados, eu responderei, em uma obra de prosa, numa coleção de aforismos, mas não numa produção artística, cujo objetivo é suscitar compaixão em relação àquilo que é apresentado. Portanto, os monólogos e as falas de Shakespeare, mesmo que contenham muitos pensamentos novos e profundos – o que não é verdade – não justificam o mérito de uma produção artística, poética. Ao contrário, esses discursos, proferidos em situações não naturais, só fazem estragar a obra de arte.” (TOLSTOY, L. N. *Tolstoy on Shakespeare*. New York & London: Funk & Wagnalls company, 1906, p. 77)

³ “[...] a crítica “de leitor” não considera, de modo algum, que sua meta seja interpretar a obra. Interpretar significa esgotar, e depois disso a leitura perde o seu porquê. Ao reconhecer o caráter irracional da obra de arte, de maneira nenhuma o crítico está querendo explicá-la. [...] Se Goethe tem razão ao dizer que, “quanto mais inacessível à razão, mais elevada é a obra”, elucidá-la, torná-la acessível à razão significa rebaixá-la.” (VIGOTSKI, L. S. *A Tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. XXIV-XXV).

formal minucioso, de modo que o que eles fazem se inscreve integralmente no campo da crítica literária.

Os ensaios de Vigotski e de Tolstói são convergentes não somente do ponto de vista metodológico e da natureza de suas relações com a tradição literária; o próprio conteúdo de suas conclusões também pode ser comparado. O que Tolstói vê como arbitrariedade e artificialidade é visto por Vigotski como a regra interna da tragédia, como a própria alma do drama. Para Vigotski absolutamente tudo no enredo de Hamlet está sujeito à “vontade da tragédia”.

Ambos perceberam o mesmo fenômeno, a mesma marca idiossincrática das obras de Shakespeare. Contudo, Tolstói foi levado a avaliar negativamente essas características, ao insistir em fazer as tragédias shakespearianas se adaptarem às regras gerais do drama, as quais foram criadas precisamente pela tradição crítica à qual ele estava tentando se opor. Vigotski desenvolveu as conclusões de Tolstói, levou-as a outro patamar ao libertar Shakespeare de paradigmas não aplicáveis à sua obra.